

LYGIA FAGUNDES TELLES

Por Suênio Campos de Lucena

*Trecho do romance **As meninas***

“Carregaram-me em seguida para a chamada capela: a câmara de torturas. Iniciou-se ali um cerimonial frequentemente repetido e que durava de três a seis horas cada sessão. Primeiro me perguntaram se eu pertencia a algum grupo político. Neguei. Enrolaram então alguns fios em redor dos meus dedos, iniciando-se a tortura elétrica: deram-me choques inicialmente fracos que foram se tornando cada vez mais fortes. Depois, obrigaram-me a tirar a roupa, fiquei nu e desprotegido. Primeiro me bateram com as mãos e em seguida com cassetetes, principalmente nas mãos. Molharam-me todo, para que os choques elétricos tivessem mais efeito. Pensei que fosse então morrer. Mas resisti e resisti também às surras que me abriram um talho fundo em meu cotovelo. Na ferida o sargento Simões e o cabo Passos enfiaram um fio. Obrigaram-me então a aplicar choques em mim mesmo e em meus amigos. Para que eu não gritasse enfiaram um sapato dentro da minha boca. Outras vezes, panos fétidos. Após algumas horas, a cerimônia atingiu seu ápice. Penduraram-me no pau-de-arara: amarraram minhas mãos diante dos joelhos, atrás dos quais enfiaram uma vara, cujas pontas eram colocadas em mesas. Fiquei pairando no ar. Enfiaram-me então um fio no reto e fixaram outros fios na boca, nas orelhas e mãos. Nos dias seguintes o processo se repetiu com maior duração e violência. Os tapas que me davam eram tão fortes que julguei que tivessem me rompido os tímpanos, mal ouvia. Meus punhos estavam ralados devido às algemas, minhas mãos e partes genitais completamente enegrecidas devido às queimaduras elétricas”.



ATÉ O MOMENTO, A ESCRITORA Lygia Fagundes Telles, que em 2013 comemora 90 anos, lançou quatro romances, oito livros de contos e quatro livros de “ficção e memória”, títulos que compõem uma obra de grande prestígio crítico, traduzida para mais de trinta países e adaptada para a tevê, teatro e cinema. Hoje, com mais de seis décadas de carreira, a escritora legou seu nome como uma das mais importantes ficcionistas da língua portuguesa. Mas, a despeito dessa popularidade, formada por um público-leitor que garante a seus livros sucessivas tiragens, além de uma constante publicação de perfis, entrevistas e matérias jornalísticas, que costumam chamá-la de “a dama da literatura brasileira”, sua vasta produção ficcional ainda necessita ser mais estudada e analisada.

A estreia de Lygia ocorreu em 1938, aos dezesseis anos, com o livro de contos *Porão e sobrado*, obra que indica a determinação da jovem, que bancou a edição economizando mesadas do pai. Mas este livro será motivo futuro de insatisfação, assim como os dois que virão em seguida – *Praia viva* (1943) e *O cacto vermelho* (1949) –, esgotados e jamais permitidos pela autora de serem reeditados.

É durante a Segunda Guerra Mundial que Lygia trava contato com muitos dos escritores brasileiros que ficarão célebres na segunda metade do século XX. Em “Durante aquele estranho chá”, texto que dá título ao seu livro de 2002, organizado por nós, ela relembra um encontro com o poeta Mário de Andrade ocorrido em 1944 na Confeitaria Vienense. No garoento centro paulistano, em meio a elegantes garçons e valsas latejantes, Mário aconselha a jovem a prosseguir escrevendo, confiante no ofício. Ao se despedir lhe entrega uma carta comentando seus escritos, mas esta seria perdida para sempre numa sala de aula. O poeta morreria no ano seguinte. Já com Oswald de Andrade, Lygia costumava participar de saraus literários em sua casa para ouvir o escritor ler os originais de seu livro *Marco zero*. Para os homens, cerveja; para as moças, guaraná e pipoca, que depois foi cortada porque o barulho prejudicava a leitura. Além de Mário e Oswald de Andrade, se corresponderá com o também ficcionista Erico Verissimo; amizade que surge quando ela e colegas do Curso de Direito da Faculdade do Largo de São Francisco organizam uma visita do escritor a São Paulo. Começava ali uma cordial amizade, desdobrada numa intensa correspondência com o escritor e sua esposa Mafalda; relação que se estenderá ao filho do casal, Luis Fernando Verissimo.

Ao lançar seus primeiros livros na década de 1940, Lygia Fagundes Telles é associada à Geração de 45, grupo de escritores – poetas João Cabral de Melo Neto e Lêdo Ivo, além dos ficcionistas João Guimarães Rosa, Clarice Lispector (que se lança em 1944, com o romance *Perto do coração selvagem*), Fernando Sabino e Lúcio Cardoso, entre outros – cuja marca é a visada introspectiva influenciada pelo existencialismo do pensador francês Jean-Paul Sartre; uma geração que adiciona questões sociais (destacadas com a chamada Geração de 30, cujos nomes principais são Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado, Rachel de Queiroz e Érico Verissimo) às “questões do eu”, numa literatura de âmbito psicológico, em narrativas ambientadas nos grandes centros, com personagens que vivem em meio ao caos urbano, à so-

lidão, à violência e a relacionamentos amorosos tormentosos.

Em 1954, Lygia lança o romance *Ciranda de pedra*, considerado o marco inicial da autora. O livro conta a história de Laura, que trai o marido Natércio e tem uma filha com o amante Daniel, chamada Virgínia. Aos poucos, Laura irá enlouquecer. Virgínia assiste então à loucura da mãe, confinada numa casa. Laura vê raízes crescendo em suas mãos, atormentada por ter traído o marido. Sozinha e abandonada pela família, acabará morrendo. Na segunda parte, Virgínia enfrenta as hostilidades de suas meio-irmãs Otávia e Bruna.

Ciranda de pedra prossegue atual por refletir, nos comportados anos 1950, sobre temas como o adultério e a loucura de Laura; a impotência de Conrado e a homossexualidade de Leticia, além de se centrar nas incertezas e frustrações de Virgínia, que enfrenta o esfacelamento familiar e a desagregação dos valores – marco do seu rito de passagem que se define pela busca por algo mais verdadeiro –, contexto também vivido por Raíza, protagonista do segundo romance de Lygia, *Verão no aquário*, de 1963. O sentimento de desamparo vivido por Virgínia se repetirá em outras personagens da autora ao representar a solidão, a rejeição, a culpa, mas também a coragem e a busca por liberdade femininas que Lygia tanto admira.

A crítica da época chama atenção para alguns temas recorrentes, como questões psicológicas, relação homem/mulher e a decadência da burguesia, entre outros. No ensaio “A nova narrativa brasileira”, incluído no livro *A educação pela noite e outros ensaios*, Antonio Candido define *Ciranda de pedra* como “marco de sua maturidade literária”. Em carta, o poeta Carlos Drummond de Andrade afirma: “*Ciranda de Pedra* é um grande livro, e você uma romancista de verdade, eis, em resumo, o que tenho a dizer-lhe depois de ler seus originais com interesse que não excluía o espírito crítico e se foi convertendo em emoção de leitor fascinado pelo texto. Contando com grande fôlego, dispondo cenas e episódios com segurança de quem sabe o que está fazendo, criando realmente pessoas vivas e não simples personagens, você compôs um livro perturbador, que nos prende e nos assusta, que nos faz sofrer e ao mesmo tempo nos oferece o remédio compensador da própria arte”.

Assim como *Ciranda de pedra*, a protagonista de *Verão no aquário* é uma jovem, a tradutora Raíza. O que a aproxima de Virgínia é a insatisfação e desconforto que vem da rejeição familiar, mas também da sua falta de adaptação ao mundo e às pessoas, daí trocar constantemente de amores, percorrendo festas e relações fugazes. Ao descobrir a impotência de Conrado, Virgínia decide viajar e deixar a casa de Natércio, enquanto Raíza enfrenta a mãe, a escritora Patrícia, insinuando que esta mantém um caso amoroso com o seminarista André. Aos poucos, tanto Virgínia quanto Raíza percebem a frustração de suas vidas e tentam mudar.

O período de lançamento de *Verão no aquário* coincide com o início da união de Lygia com o crítico de cinema e professor da Universidade de São Paulo, Paulo Emilio Salles Gomes. Ambos pertenciam a grupos de escritores e intelectuais paulistas. Ela, da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco; ele, da Faculdade de Filosofia da USP. Paulistano nascido em 1916, filho de médico sanitarista, Paulo Emilio concluiu o ginásio no Liceu Nacional Rio

Branco e, tão logo iniciou o curso preparatório para Medicina, tornou-se militante da Juventude Comunista. Ainda muito jovem, integrou a Aliança Nacional Libertadora, escreveu artigos para o jornal *A Platéia* e para a revista *Movimento*, junto com o crítico de teatro Décio de Almeida Prado. Com ele e Antonio Candido criaram a revista *Clima*, que marcou época. Paulo Emilio travou grandes lutas (tanto de forma teórica quanto em ações práticas) em defesa do cinema brasileiro, ajudando a criar o primeiro Clube de Cinema da cidade e atuando como conservador da filмотeca do MAM, germe da Cinemateca Brasileira. Autor de livros como *Cinema: Trajetória no subdesenvolvimento* e da biografia *Jean Vigo*, ele é referência fundamental na forma de se pensar filmes como *Deus e o diabo na terra do sol* e *Terra em transe*, de Glauber Rocha, um dos diretores mais inventivos do Cinema Novo.

Em 1970, Lygia lança o livro de contos *Antes do baile verde*, reunindo diversos contos publicados em livros anteriores e que tratam da relação homem/mulher, além do chamado realismo fantástico. O conto que dá título ao livro venceu na França o Grande Prêmio Internacional Feminino para Estrangeiros, após ter concorrido com 360 originais de 21 países. A história aborda o sentimento de culpa de Tatisa, que se prepara para festejar o Carnaval enquanto o pai agoniza. Ele vai morrer ou está apenas enfermo? É a questão em que se debatem Tatisa e sua empregada. Enquanto esta a ajuda a vestir-se para o baile de fantasia, Tatisa se pergunta se deve ir ou não, envolvida pela expectativa da festa, mas temerosa com a saúde do pai. O destaque de *Antes do baile verde*, assim como boa parte da ficção lygiana, são as relações humanas e seus desencontros, em contos como “Os objetos”, “O moço do saxofone”, “Um chá bem forte e três xícaras”, “O menino”, “As pérolas”, “Natal na barca” e “Venha ver o pôr-do-sol”. Esta história trata de um convite feito pelo jovem Ricardo a uma ex-namorada, Raquel, para assistir ao pôr-do-sol num cemitério abandonado. Em meio a declarações de amor, ele a aprisiona e a abandona. O conto explora a perversão, crueldade e inveja da parte de Ricardo ao saber que Raquel namora um homem rico. Eis uma constante em Lygia: personagens ambíguos que oscilam entre o bem e o mal.

No início da década de 1970, Lygia vê chegar em casa jovens de mochila discutindo questões em torno do cinema, do teatro e literatura. No apartamento do casal Paulo Emilio/Lygia é frequente a visita de diretores como Glauber Rocha, Jean Claude-Bernadet, Paulo César Saraceni, Rudá de Andrade e muitos outros. A movimentação é intensa e decerto se refletirá em seu novo livro, o romance *As meninas*, de 1973, sua obra mais lida e comentada. O livro conquista enorme apreço por parte da crítica e rapidamente alcança a lista dos mais vendidos.

Boa parte de *As meninas* se passa no Pensionato Nossa Senhora de Fátima, coordenado por religiosas. As protagonistas do romance são três jovens universitárias que de certo modo representam a sociedade brasileira da época no contexto da ditadura militar, a partir de três experiências bastantes distintas – a romântica Lorena Vaz Leme, a guerrilheira Lia de Melo Schultz e a modelo Ana Clara Conceição.

Considerado pelo escritor Ricardo Ramos como um dos registros mais contundentes na ficção que retrata a ditadura militar, escrito e lançado em plena vigência da ditadura militar, *As meninas* registra uma posição clara de recusa ao regime por parte da autora, que não se engajou apenas na ficção. Em 1976, Lygia integrou um grupo de escritores e intelectuais que foram à Capital Federal entregar o Manifesto dos Mil, abaixo-assinado em que 1.046 intelectuais (Antonio Candido, Cícero Sandroni, Chico Buarque de Hollanda, Dias Gomes, João Ubaldo Ribeiro, Jorge Amado, José Louzeiro, Paulo Emilio Salles Gomes e Rubem Fonseca, entre outros) pediam o fim da censura. Lygia seguiu para Brasília com um grupo a fim de entregar a lista ao então ministro da Justiça, Armando Falcão, mas sequer foram recebidos. Esse episódio está relatado em seu livro *Conspiração de Nuvens* (2007): “Ano de 1976, presidente Ernesto Geisel. Ditadura militar, plenitude dos Anos de Chumbo. Muitos professores cassados, muitas prisões nos porões do DOI com os presos políticos torturados até a morte, o horror, o horror no auge do desrespeito aos direitos humanos na aspiração da verdade e da justiça. Paulo Emilio e eu passávamos as férias numa tranqüila fazenda da família de Décio de Almeida Prado em Olympia, interior de São Paulo. Fim de tarde. Conversávamos na espaçosa sala do casarão quando tocou o telefone, o interurbano era para mim. Com dificuldade ouvi a voz de Rubem Fonseca falando do Rio, Fala mais alto, Rubem, mais alto! eu pedia e ele repetiu, eu estava sendo chamada para fazer parte de uma pequena comissão de escritores que iria a Brasília entregar ao ministro da Justiça Armando Falcão um manifesto contra a censura”.

Seminário dos ratos, livro de contos de 1977, amplia ainda mais essa abordagem essa abordagem em torno da sociedade brasileira do período, algo até então inédito em Lygia, uma vez que sua obra se sustentava em duas vertentes – desencontros de relacionamentos homem/mulher e histórias em torno do fantástico, como “A caçada”, “A mão no ombro”, “O noivo”, “WM”, “As formigas”, entre outros, que têm como mote o mistério e a morte. Cada vez mais próxima de temas sociais, a autora alarga ainda mais sua inserção junto aos excluídos, conforme vemos nos contos “Pomba enamorada”, “Senhor diretor” e “O x da questão”. Mas sua marca prossegue, como a exploração das relações humanas em histórias que mesclam mortes, traições e culpa.

1977 é o ano da morte do companheiro Paulo Emilio. Após lutar pela manutenção e reforma do prédio da Cinemateca Brasileira e de lançar o elogiado romance *Três mulheres de três Pppês*, o crítico de cinema morre de enfarto em 9 de setembro, aos 60 anos. Certamente as dificuldades em erguer uma Cinemateca nos moldes da francesa, pela qual tanto lutou, e o fato de se deparar com a realidade nacional, marcada pela censura e autoritarismo, o atingiram duramente, como sugere o biógrafo José Inácio de Mello Souza em *Paulo Emilio no Paraíso*. A ausência do companheiro que enalteceu o cinema brasileiro será muito sentida pela escritora.

Lygia realiza um primeiro balanço de vida em textos curtos, mas ligados entre si. Ao escrever sobre sua vida, processo de criação e questões como o uso da pílula e profissionalização

do escritor, isso quando o regime militar começa a enfraquecer ela dá um novo enfoque na sua obra. A disciplina do amor, de 1980, é o primeiro livro da autora a mesclar memória e ficção. De qualquer forma, ela não escreve exatamente suas memórias. A intenção é contar episódios da sua vida entremeados com ficção. Os seja, para Lygia tudo é matéria de ficção, inclusive a própria vida.

Lançado em 1989, o quarto romance, *As horas nuas*, traz uma inovação. Pela primeira vez, a protagonista de um romance seu não é jovem. Trata-se de Rosa Ambrósio, atriz decadente que passa seus dias em meio a lembranças ditadas num gravador. Rosa vive com a empregada Dionísia, a Diú, a filha Cordélia, que costuma se envolver com homens mais velhos e que raramente a visita, a psicanalista Ananta Medrado, sua vizinha, e, por fim, um outro personagem que tem grande importância no livro, seu gato Rahul, felino que passa boa parte do romance, assim como a atriz, rememorando vidas passadas, avaliando atitudes e desilusões amorosas. Rahul mantém um espantoso “diálogo” com a atriz. Irônica, Rosa ri de si própria em meio às lembranças de enquanto espera um grande amor lhe telefonar.

Em 1995, a autora lança um novo livro de contos, *A noite escura e mais*. Num deles, “Dolly”, há uma personagem vivendo no ano de 1923 diante do desejo de fama e prestígio prometidos pelo cinema. Dolly lembra outra personagem da autora, Ana Clara, do romance *As meninas*. Ambas são jovens, belas, falam rápido, se drogam e almejam o sucesso a qualquer preço e, talvez por isso, acabem de forma trágica. A memória aparece no conto “Papoulas em feltro negro”, história que narra o reencontro de uma aluna com uma antiga professora que está morrendo. O tema reafirma uma constante na obra de Lygia. Outra constante: a morte entremeadada com o fantástico, como no caso do conto “Anão de jardim”, narrativa que encerra o livro, um relato da “morte” de um anão a picaretadas. Em dois contos de *A noite escura e mais* eu há a abordagem da homossexualidade, algo que não é exatamente uma novidade em sua obra, já abordada em *Ciranda de pedra*, com a personagem Letícia. Os contos são “Você não acha que esfriou?” e “Uma branca sombra pálida”. No primeiro, há um “triângulo amoroso” em que Kori fracassa ao tentar seduzir um homem apaixonado pelo seu marido. Já o segundo trata da visita de uma mãe tomada pela culpa ao túmulo da filha que se suicidou. No seu entender, sua filha Gina vinha mantendo uma relação amorosa com Oriana, uma amiga da faculdade. Pressionada, Gina se mata. Em entrevista, Lygia afirmou: “Nunca tive preconceitos, mesmo na época em que eram bem mais fortes. Isso é muito bom para a escritora, de poder lidar com qualquer tema com verdade. Veja na destinação do ser essa esplêndida liberdade. Num planeta tão difícil será que também o sexo deve pesar? Ora, é muita dificuldade a ser enfrentada. Além dessa nossa condição, somar a questão da preferência sexual?”.

No século XXI é chegado o momento de a autora retomar o passado. Seus livros mais recentes são marcados pelo registro autobiográfico, histórias em torno da infância e da juventude, lembranças de amigos, de escritores e relatos de viagens. São obras memorialistas mescladas, mas também criadas, inventadas – *Invenção e memória* (2000), *Durante aquele*

estranho chá (2002) e Conspiração de Nuvens (2007) formam uma trilogia que mescla memória e ficção. Nesses livros, há histórias fictícias, além dos seus encontros e laços de amizade com Jean-Paul Sartre, Jorge Luis Borges, Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Monteiro Lobato e Clarice Lispector, além de discorrer sobre a literatura escrita por mulheres e os poetas românticos (Castro Alves, Fagundes Varela, Álvares de Azevedo) que Lygia lê desde a adolescência.

Nesses livros há muitas lembranças, como a antiga pressão feita às mulheres pela virgindade e para se casarem, conforme ela conta em “Nada de novo na frente ocidental”, de Invenção e memória: “A Segunda Guerra Mundial estava quase no fim, o planeta enfermo sangrando e uma frase muito na moda nestes trópicos, O preço da paz é a eterna vigilância! Ora, se a paz (com toda a ênfase no ponto de exclamação) já estava mesmo perdida, o importante agora era não perder a virgindade e disso cuidava a minha atenta mãe: o mito da castidade ainda na plenitude, nem o mais leve sinal da bandeira feminina hasteada nestas palmeiras”.

Em 2007, Lygia retoma o passado no seu quarto livro, híbrido de ficção e memória. Em Conspiração de Nuvens, mais uma vez a autora reconta a própria vida falando de escritores amigos como Erico Verissimo e do companheiro Paulo Emilio. As lembranças da infância estão em “A quermesse”; a juventude aparece em “Fim de primavera” e “A farda”. E o relato de viagem fica por conta de “Tunísia”. Ao lado desses, há os contos “O trem”, “Eu voltarei”, e “Era uma noite fria”. Mas vale ressaltar que o ponto de vista é sempre o da ficcionista que não distingue contos de episódios reais. Tanto contos quanto depoimentos costumam “acabar” com “finais abertos”, ou seja, todos escapam do esquema começo-meio-fim.

O “microcosmo” urbano, em particular, paulista, é o espaço mais recorrente da literatura lygiana, isso porque no seu caso São Paulo é a urbis caótica, cidade pulsante que perdeu sua tranquilidade cotidiana devido ao progresso desenfreado e ao individualismo exacerbado, talvez por isso a capital paulista que emerge em seus escritos é a cidade modernista, repleta de cafés, livrarias, leiterias, espaços onde ocorriam saraus frequentados por homens e mulheres que tomam chá às cinco da tarde. Uma São Paulo que não existe mais.

Grande parte da literatura lygiana reflete esse contexto de transição entre tradição e progresso, que resulta em deterioração dos costumes à medida que grande parte de suas personagens se desencontra, travando constantes embates de relacionamento e familiares. Essa é uma das principais marcas da narrativa lygiana: O registro ficcional da natureza humana, flagrantes da passagem da cidade-província, acolhedora, humana, dos jardins, das praças, dos bosques, enfim, uma cidade que se confundia com o campo e que decaía com arranha-céus, selva de pedra que esbanja projetos urbanísticos e persegue a modernidade a todo custo. Segundo Lygia: “A cidade mudou completamente. Não é mais aquela cidade em que eu ia andando para a Faculdade de Direito, atravessava o viaduto do Chá tranqüilamente, onde andavam homens elegantíssimos de chapéu. Era uma cidade tranqüila, quase pacata; nunca ouvi a palavra violência nesse período. Não havia o medo”.

A literatura de Lygia Fagundes Telles possui um sentido de libertação porque a toda hora podemos nos ver nos preconceitos das suas personagens. A indiferença, o racismo e elitismo estão na sua obra servindo de espelho para nós. Chega a ser arriscado restringir sua literatura em uma linha temática, isso porque são muitas vertentes, ambientadas no microcosmo urbano, onde temas como solidão, loucura, morte, sonho, choque de gerações e mudança de costumes são algumas de suas marcas. Lygia expõe nossos medos, desejos e dualidades, evidenciando que somos capazes dos atos mais cruéis e grandiosos.

Uma obra que se firma ao descrever situações humanas bastante plausíveis: o ex-namorado que leva a namorada e a trancafia num mausoléu (“Venha ver o pôr-do-sol”); a mãe que trai o marido numa sala de cinema às vistas do filho (“O menino”); a mulher que provoca o suicídio do amado (“Apenas um saxofone”); o homem que rouba a perna mecânica da mulher na noite de núpcias (“Helga”) e tantos outros são exemplos de histórias demasiadamente humanas. Membro da Academia Brasileira de Letras, vencedora do Prêmio Camões e do Jabuti por cinco vezes, Lygia Fagundes Telles desnuda as relações, sobretudo as tomadas pela hipocrisia, pequenas crueldades cotidianas. Com suas personagens, expõe crueldade, egoísmo, ciúme, inveja, tornando-as muito próximas de cada um de nós.

SUÊNIO CAMPOS DE LUCENA (BAHIA/PARAÍBA) - Professor Adjunto dos Cursos de Letras e Comunicação Social da UNEB – Universidade do Estado da Bahia. É jornalista, escritor e doutor em Letras pela USP, com tese defendida em 2008 sobre a obra de Lygia Fagundes Telles. Da autora, organizou os livros *Durante aquele estranho chá* (2002) e *Conspiração de Nuvens* (2007). Publicou os livros *21 escritores brasileiros* (2001) e o livro de contos *Depois de abril*.